

# UM DIVISOR DE AGUAS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Muito antes de chegar ao nível das realidades espirituais, o problema das qualidades sensíveis já tem fornecido abundante assunto às divergências filosóficas, e até funciona como um divisor de águas entre os realistas e os descendentes do nominalismo. Para começar, consideremos as duas espécies de qualidades sensíveis apontadas por Aristóteles. Criticando os atomistas, Aristóteles firmou sua teoria do conhecimento sensível e legou-nos a divisão, tornada clássica, entre "sensíveis próprios", que são as qualidades percebidas exclusivamente por um dos sentidos, e "sensíveis comuns", que são as qualidades percebidas por diversos sentidos, tais como tamanho, feição, numero, movimento ou repouso, etc. Seguindo o mesmo itinerário, Santo Tomás dirá mais tarde que "o tamanho, o feição, etc., que chamamos de "sensíveis comuns", são intermediários entre os sensíveis indiretamente percebidos e os "sensíveis próprios", objetos dos sentidos. Com efeito — continua Santo Tomás — os sensíveis próprios modificam o sentido imediata e diretamente, pois são qualidades que causam uma alteração". E acrescenta: Sensibilia vero communia omnia reducuntur ad quantitatem" (Suma 1.a, Qu. 78 e 3).

A intervenção de Aristóteles no assunto foi provocada pela agressiva posição dos atomistas, Demócrito, Epicuro e Lucrecio, que explicavam o mundo de um modo que os coloca como precursores das conquistas da ciência empírica dos tempos modernos, e ao mesmo tempo como precursores dos erros e das dores filosóficas do mesmo quadro histórico. Para aqueles filósofos antigos, a diversidade de aparências sensíveis se explicava cabalmente pelas posições e movimentos dos átomos. Os componentes da matéria colorida, este papel branco, aquele carvão preto, não são coloridos. Nos seus curiosos e famosos exâmetros Lucrecio prevenia os discípulos contra a vulgar ilusão em que poderiam cair:

Nunc age dicta meo dulci quae-  
percibe, ne forte haec albis ex-  
principis esse, ante oculos  
| quae candida cernis,  
aut ea quae nigrant nigro de-  
| semine nata;  
niue alium quem is quae sunt  
| imbuta colore,  
propterea gerere hunc credas,  
| quod materia  
corpora consimili sint eius  
| tincta colore.

Por essas e outras, São Jerônimo dirá mais tarde, numa curta biografia do poeta inserida na sua tradução das "Cronicas de Eusébio": "O poeta Tito Lucrecio nasceu (ano 94 A. C.). Depois de ter enlouquecido por obra de um filtro de amor, e depois de ter escrito alguns livros nos intervalos da insanidade, livros que Cicero mais tarde corrigiu, suicidou-se aos quarenta e tres anos de idade".

Eu receio que o meu moderníssimo leitor esteja assombrado com a intuição de Lucrecio e de seus mestres em filosofia, e correlatamente inclinado a crer que quem bebeu o filtro de amor foi o próprio Jerônimo, e que não deixa de ter um lado verdadeiro. Sim, receio que o meu leitor de hoje descubra o que pareceu sutil, fino, elevado, aos discípulos de Demócrito. Todo o pensamento moderno parece dar-lhes razão no ponto em que se diz que as coisas não têm côr e que é em nós, na nossa imaginação somente, que existem os sensíveis próprios dos escolásticos. Hobbes classificava de absurda essa maneira vulgar de dizer que a qualidade estava na coisa e não em nós. Para Descartes, também, o mundo físico só representava diferenciações objetivas de tamanho, forma, etc., e assim, pelo menos no que concerne ao mundo sensível, tudo se reduzia a diferenciação quantitativa. Seguindo a tendencia cartesiana, Locke, no seu famoso ensaio sobre o entendimento humano, dividiu as qualidades sensíveis em primárias e secundárias, o mesmo critério clássico deixado por Aristóteles, mas negou qualquer espécie de existência objetiva das qualidades chamadas por ele secundárias. E acha fácil demonstrar que não há nenhuma semelhança entre os corpos e as nossas idéias "what is sweet, or warm, in idea, is but the certain bulk, figure and motion of the insensible parts in the bodies which we call so". Note-se de passagem que o termo "idea" no vocabulário de Locke vale tudo, significa às vezes mente, outras vezes "imaginação" e até vez por outra significa também o que entendemos nós por idéia.

Tudo isto — receio muito — pode parecer razoável e aceitável. E tem realmente um lado razoável e aceitável. Os átomos do papel branco não são pedacinhos de papel branco, nem são negros os átomos do carvão. Por outro lado, nenhum filósofo da tradição aristotélico-tomista contestará a existência de uma distinção entre a sensação e a coisa externa que a produz. Há portanto um certo lucro, um passo dado à frente quando se sai da ingenuidade elementar e se descobre que há oscilações eletro-magnéticas na causalidade material do fenômeno que em nós produz a sensação da côr. Daí, porém, a dizer que o objeto só se diferencia pelo tamanho e pela posição, e que não há semelhança entre a sensação em nós e algo que seria a qualidade sensível do objeto, vai o abismo que separa o pensamento realista do pensamento idealista de origem nominalista. E até seria o caso de perguntar, já que resolvemos duvidar dos atributos do mundo exterior, porque diacho nos detemos ainda na crença robusta dos sensíveis comuns? Quem sabe se não podemos dar mais um passo na linha da sutileza, na direção das formulas que desmentem a vulgar e grosseiro senso comum?

Ora, foi isto exatamente que fez Berkeley, que tem para nós o sabor de uma demonstração por absurdo, ou de exemplo para mostrar o risco que corre quem tem mau comportamento em filosofia.

Agora, na continuação lógica do cartesianismo, e em antítese com ele, o mundo exterior escurece definitivamente. O filósofo engole o universo e fica com aquele bolo a pesar no estômago, porque não soube compreender que era preciso dar mais um passo para redescobrir o que parecia ingênuo demais...

Explicuemo-nos melhor. Estamos num ponto decisivo da discussão. Diante de nós está a linha meridiana que separa duas vertentes e que, portanto, dá diversíssimos destinos às águas que por elas descem. De um lado, a tradição Aristotélico-tomista sempre se empenhou em fazer do conhecimento, seja sensível, seja intelectual, um modelo inspirado numa idéia principal: a da união entre o agente que conhece e a coisa conhecida. Do outro lado está a tradição oposta, que por curioso pessimismo, se compraz na idéia primeira de uma irremediável desunião entre a intelligencia e o ser.

Em termos metafísicos diríamos que o erro cometido por todos os filósofos que retomaram as explicações de Demócrito e seus discípulos, consiste numa hipertrofia ou até numa exclusividade concedida à causa material, em detrimento das outras. Ora, não é aquilo de que a coisa é feita que mais a caracteriza ou que melhor a define. Considerando um artefato, uma estátua por exemplo, ninguém dirá que o fato de ser mármore a prevalece sobre a forma, sobre a beleza e sobre a intenção de seu autor. Ninguém dirá que verdadeiro é o mármore, e ainda mais verdadeiros os átomos de carbono e cálcio, e ainda mais verdadeiros os eletrons e os prótons; e que a beleza da forma é um puro dado de nossa imaginação, e dado ilusório, sim ilusório, enganador, porque nada há, na coisa, que se assemelhe às nossas sensações. Não é costume pensar assim quando temos diante de nós uma estátua. Por que então pensaremos assim quando contemplamos uma rosa? Então pelo fato de ser composta de eletrons e prótons a rosa deixou de ser rosa, ou passou a ser uma coisa que em nós, em nossa idéia como diz Locke, produz o fantasma daquilo que os jardineiros e os poetas, por engano, por falta de sagaz filosofia, julgam ser formosa, rosada e cheia de fragrância?

E' importante assinalar que é aqui, muito antes de discutirmos a existencia ou não existencia dos seres espirituais, que se trava a primeira batalha entre duas raças opostas de pensadores. E' aqui, no próprio domínio das coisas corpóreas e sensíveis, que se acha des-

previnido o filósofo que, por outras vias alheias às filosóficas, creu em Deus, nas crianças, nas rosas e nos gatos.

Seja qual fôr a explicação psicológica, histórica, sociológica ou até econômica, o fato é que há duas raças, dois tipos de pensamento, duas famílias espirituais reveladas por este problema aparentemente modesto das qualidades sensíveis. De um lado estão os que descrevem um mundo morto imerso numa inconsciência ou numa imbecil taciturnidade, a produzir suas formas accidentais pelo encontro casual das partículas materiais; de outro lado estão os que vêem — mesmo nas coisas físicas! — a presença prevalente de formas, a fosforescência de uma intelligibilidade, ou como disse o Poeta, a presença de "uma verdade que nas coisas anda". Não é só do homem, da intelligencia humana que se distancia o obscuro, o incognoscível segredo íntimo das coisas, reduzidas ao pó cósmico. Pela acentuação que dão à causa material, e pelo esquecimento em que deixam as razões mais altas, elles distanciam o mundo de seu próprio Autor, crendo torná-lo assim mais científico, ou menos pendurado em hipóteses teológicas que nem todos podem aceitar. A idéia de reduzir todas as qualidades sensíveis aos sensíveis comuns e a de reduzir o universo ao esquema atomista; escondeu aos olhos piedosos de Descartes e de outros filósofos modernos igualmente respeitosos das tradições e convenções sociais, o deicídio que, o pobre Nietzsche, doido, teve a incumbência de desvendar ao mundo no crepusculo de uma civilização apóstata.

O homem moderno, sabedor de alguma física ondulatória ou de coisas da física corpuscular, está sujeito a filosofar como aqueles que renegam a fé em Deus e nas rosas, e difficilmente fará uma idéia justa do valor que representaria para o mundo a restauração de um areta filosofia, e a correlata restauração da boa hierarquia das causas. Difficilmente terá, na vida da intelligencia, a visão do mundo tão bem descrita por Camões na sua Elegia Oitava: "Olha aquele Deus alto e incriado Senhor das coisas todas, que

O Céu, a Terra, o fogo, o mar  
Não do confuso caos, como cuidou  
A falsa teologia e povo escuro,  
Que nesta só verdade tanto errou.  
Não dos átomos leves de Epicuro.  
Não do fundo Oceano, como Tales.  
Mas só do pensamento casto e  
puro".